

# O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet. — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editor — José da Silva Vieira Junior Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 8\$000 rs. — Com estampilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação, 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

## UMA CARTA... E UM CONTO

Caro Vieira.

—Então, quem é «o grande artista»?

Seria pretensioso entrar na discussão erudita do magno problema. Aceitêmos a excelente definição de arte que nos deixou o grande Fradique Mendes: «Arte é a tradução da natureza feita pela imaginação.» E perguntemos agora: «Qual é o verdadeira artista? é o que sabe *pensar* e executar com perfeição a obra de arte, ou aquele que tambem a sabe *sentir*? «Artista é o que chora com as dôres dos seus personagens e se regozija com as suas alegrias; ou é o *técnico* perfeito que sabe, á força de talento, dar-nos a *ilusão* de tudo isso, sem nada disso sentir?»

Todos sabem que ha romancistas, poetas e actores que se consómem na sua obra e, se nos obrigam a chorar ou a rir com os seus personagens, é porque elles proprios os criaram chorando, ou os idealizaram no meio das suas alegrias; por que se substanciaram na sua própria obra.

Diz-se que Donatello, ao concluir a estátua do seu S. Marcos, na qual elle pusera, durante anos, um mundo de paixão e de fé, se voltou para a imagem do rude e semi-selvático apóstolo que foi Marcos, e vendo-a tão exactamente igual ao que elle havia idealizado, não teve mão em si que lhe não gritasse: «Marcos! responde, por que me não falas tu?»

Não, caro amigo, o autêntico artista não é bem esse. Esse não nos *representa* apenas o modelo, a mascara da desgraça ou da ventura, do ódio ou do amor: elle é que é a própria ventura, elle é que é a própria desgraça, elle o próprio ódio, elle o próprio amor. Isto não é a arte, é a verdade. Não é uma tradução da natureza, é a própria natureza. O verdadeiro artista não é esse.

Para definir o verdadeiro artista eu não conheço nada, caro amigo, como aquele conto adorável de Adelina Abranches, do *rapaz do mato que queria ser actor*. Eu conto. Mas não garanto que

seja *ipsis verbis* como a artista o conta, porque lho não ouvi directamente.

O rapaz é um aldeão de treze ou catorze anos, com seu exame do primeiro grau, a quem se meteu na cabeça ser comediante. Dirige-se á cidade, ao escritório de um empregário, velho actor aposentado, e pede-lhe para o admitir na companhia. O empregário declara que não tem lugar vago para elle, e mesmo que «para se entrar no teatro é necessário talento e vocação, não basta a vontade de cada um.» Perante a recusa, o rapaz teima e persevera.

—«Senhor empregário, tenha pena de mim! preciso de ganhar a vida. Eu já não tinha pai, e acabo de perder minha mãe. Nós somos três irmãos, um rapaz e duas meninas e eu sou o mais velho dos três. Ha dias, a minha pobre mãe, cansada de trabalhar para nós, adoeceu com uma doença ruim. Veio o médico e mandou-a recolher immediatamente ao hospital. Ao despedir-se das minhas irmazinhas a pobre mãe adivinhou que as não voltaria a ver, e as lágrimas dela retalhavam o coração. Lá foi levada na maca. Eu e minhas irmãs ficamos em casa, e iamnos comendo o pão que a mãe tinha deixado dentro de uma arca. Eu vinha todos os dias ver minha mãe á hora da visita. Mas a febre era cada vez mais alta, as olheiras cada vez mais fundas, a palidez cada vez maior. Hoje, não me quizeram deixar entrar na enfermaria. Tive um baque no coração. Ergui-me nas pontas dos pés, meti a cabeça á força na saia, e vi a minha pobre mãe morta, estendida sobre um lençol, com as mãos crispadas e os olhos muito abertos fixos na porta. Fugí horrorizado». E as lágrimas rolaram a quatro e quatro pelas faces do desventurado rapaz. «Depois, vagueei como dcido pela cidade e por fim fui ter a casa. Minhas irmãs agarraram-se a mim para eu lhes dar alguma coisa de comer, porque o pão tinha-se acabado. O coração parece que me estalava cá dentro, senhor empregário! Disse a minhas irmãs que esperassem um instante; e fugi d'ali. Na rua, tirei arrebatadamente o meu boné, ergui os bra-

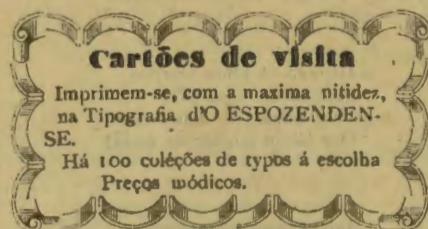
ços ao céu e clamei em desespero:—Senhor! as minhas irmazinhas tem fome, Senhor! Em seguida dirigi-me para aqui, e aqui estou.»

O velho empregário, que se tinha ido comovendo gradualmente com a história do pobre rapaz, não pôde reprimir as lágrimas ao vê-lo erguer os braços implorando a protecção de Deus para as orãs abandonadas, e ia já a tirar a sua bolsa para a despejar nas mãos do infeliz. Por sua vez o rapaz, ao ver aquele homem encanecido chorando ao pé de si, e como que arrependido, muda subitamente de tom, e declara muito serenamente: «Senhor empregário, sosségue, não chore; isto foi uma história que eu inventei agora, a ver se conseguia o que desejo. Eu tenho pai e tenho mãe, ambos vivos e saos. Perdê-me. Não tem lugar para mim? acabou-se. Irei procurar outro officio.» E preparava-se para sair.

Mas neste momento, o empregário ergue-se electrizado da sua cadeira, passa-lhe as mãos ambas sobre os ombros, agarra-o para si, e brada-lhe: «Então tu, rapaz, querias que eu te deixasse ir embora! Tu que és o verdadeiro artista? Tu, uma criança, que acabas de iludir e comover até ás lágrimas o homem duro que anda ha mais de quarenta anos a iludir as plateias com lagrimas fingidas para ganhar o pão! Não, já te não largo mais, rapaz! Tens na companhia o lugar que tu quizeres, porque tu é que és o verdadeiro comediante! Tu é que és o artista verdadeiro.»

Maio, 1933.

José de Oliveira.



A manutenção dum jornal depende do pontual pagamento da assinatura.

## CARTA DO BRAZIL

Escrevo-lhes no dia de Aleluia.

Esta palavra hebraica era o nome que tinha um velho mosteiro da Etiópia.

O seu abade impoz aos monges que a cantassem, pois que ella significa—louvae a Deus.

Li algures que de Jerusalém, capital que foi do reino de Judá, veio o costume de se cantar em certas épocas do ano. O pontifice Dámaso, filho de Guimarães, que pela sua imensa sabedoria foi apelidado no concilio de Constantinopla o Diamante da fé, sancionou o uso de, até nos funerais, se cantar. Nesta hora, ouve-se a cada momento, sair dos labios de romã das formosissimas cariocas que, sedutoras de fórmãs, com toda a sugestividade maxima de uma juventude em flor, atravessam a Avenida, esta palavra—Aleluia!

E eu chegando ao ocaso da vida, sem remorsos e sem ilusões, antevejo, através um delicioso caleidoscopio, o paroco da minha aldeia, lindo como um ninho de amores, na visita aos seus paroquianos, e o cruciferario apresentar-lhes o Cristo, que morreu n'um madeiro por ensinar a fraternidade humana e o desapêgo das misérias da vida.

Mas não me admiro, porque Sócrates, proclamado pelos oráculos, o mais sabio de todos os homens, foi condenado a beber cicuta. Julio Cesar, um dos maiores capitães da antiguidade, a quem o senado romano declarou a sua pessoa sagrada, caiu ferido, com traçoeiros golpes, aos pés da estátua de Pompeu.

Cicero, celebre orador, profundo politico e escritor foi assassinado, e, no alto da tribuna, onde tantas vezes havia pugnado pela liberdade da republica, foi colocada a sua cabeça.

Mudaram os tempos, mas não mudaram os costumes. Os homens são o que sempre foram na ordem moral dos seus instintos. A civilização, puramente exterior, é como o sepulcro de que fala a Biblia, caído por fóra e cheio

de podridões por dentro. Não vemos a China recalçada, ensopada em sangue no meio do silencio cúmplice e covarde da chamada Liga das Nações, e tudo, sem que o troar dos canhões homicidas comovam, por um momento, essa gente que perdeu a noção do tempo, e esqueceu a ideia do dever?

Acompanham estas linhas o nome do snr. dr. Pedrosso Rodrigues, digno consul geral, que neste mez conta mais um ano de preciosa existencia.

Todos conhecem e admiram a grandeza do seu caracter e a bondade do seu coração.

A personalidade de sua ex.<sup>a</sup> notabilisa-se por um conjunto de predicados que o elevam a uma plana que só conseguem atingir os homens de talento, aliádos a uma grande capacidade de trabalho. Impõe-se naturalmente á consideração de toda a gente de juizo claro e recto, e como que constitue um respeitavel titulo de nobreza e ufania para nós portugueses. A minha homenagem representa um palido reflexo dos sentimentos, que o seu mérito incontestavel, tão raro, como prestadio, deve acordar na alma do colonia.

Nesta hora em que, entre nós, braceja a intriga e a hipocrisia se alastra como ulcera enorme, ele é o simbolo da moderação.

A dignidade preside a todos os actos da sua vida. Os principais caracteristicos da integridade moral, estão no acôrdo das ideias com as palavras e das palavras com as obras.

Não pôde deixar de assim proceder quem tem a afidalgar-lhe ainda as mais finas excellencias do talento, e a abrilhantar-lhe o nome as decorações do merito.

Canonisei no meu espirito este alto funcionario, dignificado por uma alta prova de dedicação, n'uma hora em que a viboravenenosa da traição me formou o salto.

Mas não é isso o que me empana a vista. O que deixo escrito é a afirmação nitida, fiel, exactissima do pensar de brasileiros e portugueses ácerca do nosso actual consul geral que, como nenhum outro, tem a consideração de todos.

Albino Bustos.

#### Tinta azul-preta, alemã.

Cada quartilho . . . . . 4\$00

Há a mesma em frascos de um quartilho, até 2 litros, a preços módicos, na Livraria e Papelaria Espozendense  
Rua Direita—Espozende

**Tinta de marcar roupa**—a melhor que há—Vende-se nesta redacção.



## «CANTARES»

O meu talentoso condiscipulo Abel Vinha dos Santos acaba de me oferecer, com uma dedicatória gentil, o seu livro—estrela—«Cantares».

Como o titulo indica, trata-se dum livro de versos que Vinhas dos Santos, poeta delicado, alma emocionante de artista, escreveu, imprimindo-lhe graça, harmonia e singeleza.

«Cantares» é um livrinho com um aspécto gráfico interessante, contendo vinte e nove quadras; tôdas lindas, todas acentuadamente populares.

No livro de Vinha dos Santos nota-se espontaneidade em todas as rimas, em todos os versos.

O poeta soube encarnar a alma popular, dando a algumas das suas quadras um carácter humorístico que concorda perfeitamente com a indole expansiva do nosso povo.

As quadras de Vinha dos Santos, pela sua popularidade caracteristicamente aldeã, lembram as cantigas bizarras que as formosas raparigas e moças galhofeiras cantam, em noites de luar prateado, ao som de rústicas violas, nas esfolhada do Minho.

O moço poeta, com a publicação dêste livrinho, conquista um padrão de glória.

Os seus versos sonorosos têm o ritmo suave do gorgueio matutino dos rouxinóis e a espontaneidade da água que brota limpida e cristalina das fontes aldeãs.

Tiro, ao acaso, do livro de Vinha dos Santos as seguintes quadras, que rescendem a vergel minhoto e que têm a tonalidade dos arrebois em manhãs frescas de Abril:

A tua boca é uma fonte  
Onde vou matar desejos  
Quando, abrasado de amor,  
Tenho sede dos teus beijos!

Morena de olhos serenos,  
Serenos de negra côr:  
Tens olhos são dois venenos  
Que fazem morrer de amor!

Amor eterno, a quem amas,  
Juras incessantemente;  
Já te não livras de juras,  
Pois quem mais jura, mais mente!

Há muitas definições  
De beijos. . . Segundo os sábios,  
Os beijos são as canções  
Que os labios cantam aos labios.

Pebrinho dos beijos teus  
Pedi-te um beijo de amor:  
—O' Santinho, vá com Deus...  
Vá com Deus Nosso Senhor!

Estas quadras pela sua singeleza e perfeição, definem bem o temperamento artistico de Vinha dos Santos e deixam adivinhar nele um futuro poeta de largo merecimento.

Como diz o illustre escritor Campos Monteiro no prefácio dum livro, a época não é de verso, é de prosa vil e chata e, por isso, se os poetas ou mesmo os prosadores de reconhecido valor, fossem a viver do rendimento dos seus livros, sujeitar-se-iam a morrer de fome.

No entanto, eu devo estimular Vinha dos Santos para que não esmoreça no caminho das letras tão auspiciosamente encetado, proporcionando, dêste modo, aos apaixonados da arte poética, momentos de verdadeiro prazer espiritual.

«Cantares» é um livro que se lê com agrado crescente; livro de cantigas que os moços namorados cantam ás eleitas dos seus corações, em noites estreladas e de luar bendito; livro de madrigais floridos como os trinados que as aves soltam em manhãs ridentes de primavera; livro que representa a estreia dum poeta no mundo das letras pátrias e que fecha com a admirável e formosa quadra:

Por-de-Sol,—fim de jornada:  
—Uma ilusão a morrer!  
Fim-da-vida,—quasi nada...  
Uma saúdade a viver!..

A Vinha dos Santos agradeço o exemplar oferecido e envio-lhe um cordeal abraço de parabens, desejando-lhe ardentemente o máximo triunfo no dominio das musas.

António Gonçalves Soares.

## O Giro das Esferas

(Recordando)

... «Recordar é viver...»

J. Dantas.

A leitura dos *Singrafos Ológrafos* trazidos a lume pelo meu querido José de Oliveira, trouxe-me a recordação saudosa doutro *singrafo* de tempos que já lá vão.

Quero referir-me a uma carta que os rapazes da minha antiga républica da rua do Loureiro, no Porto, engendraram para servir de modelo ás declarações de amor que cada um de nós tivemos necessidade de fazer a ésta ou aquêla, por quem os nossos olhos se prendessem. Carta de tôdos e para tôdos.

Peça de arte em estilo *sublimado*, era conhecido pelo nô-

me de —O Giro das Esferas!

O qual *Giro*—que muitos rapazes da geração de há 40 anos devem recordar saudosamente—, chamava á rua do Loureiro a fina flôr da mocidade estudiosa, para dêle se utilizar em apertos amorosos, ou para rir pela medida do cós das calças.

Fez successo o *Giro das Esferas*. Se não foi aproveitado para uma scêna de Revista, isso se deve á dificuldade de liquidar direitos de autôr porque, a bem dizer, não chegou nunca a saber-se quem era o verdadeiro *pae da criança*. Era de todos e não era de ninguém.

Obra bem mais aprimorada do que os *Singrafos Ológrafos*, o *Giro das Esferas* era o bordão a que muitos se arrimavam nos lances criticos da sua vida boémia e aventureira. E o caso é que alguns resultados positivos produziu.

Qualquer de nós encontrava um *arranjinho*; ver e amar era obra de um momento; a oferta da costumada *carta-adorada* que dava ou não dava.

Se dava, lá ia o *Giro das Esferas* caminho da conquista; se não dava... nada perdido, ficava de remissa para nôvo cometimento.

No género-diziam os letrados do tempo—não havia melhor, nem parecido ao menos! Os *Singrafos*, pelo que li, valem realmente quanto pesam; o *Giro*, porém, vae mais longe, é outra coisa, fala de cátedra, espraia-se em largas afirmações scientificas, linguagem académica, transcendente, de largas vistas e largo fôlego artistico!

Podia, sem favôr, entrar de cabeça erguida no areópago onde pontifica o snr. Júlio Dantas e até concorrer ao prémio Nobel, se por êsse tempo já existisse. Lá isso podia; não há duas opiniões a tal respeito.

Tenho aqui na minha frente a *reliquia*—não confundir com a do Eça—; a sua leitura, decorridos já 40 anos, faz-me rir e chorar!

Chorar, e por que não?

O *Giro* é um pedaço de mim mesmo, é o passado,

«Todo rosas abrindo ao galgar na subida»,  
retalhos queridos daquêla mocidade

«Que em cem anos floresce apenas uma vez!»

O *Giro das Esferas*!

«Recordar é viver...»  
Ressurgir dentro d'alma uma idade passada...»

Leíamos alguns periodos dêste *papiro* sagrado que a acção do tempo vae amarelecendo.

«Minha Senhôra:— É belo o giro das esferas no espaço e as suas harmonias etéreas, como disse o filósofo; são belas as conflagrações que agitam a superficie do tóco do mundo; belo é o ribombar do trovão, a fúria dos

ventos, o fragôr das tempestades, o rugir das procelas, o urro do vagalhão que esbraveja e arrebeta em serras!

Que me dizem a esta entrada? Gostaria de ouvir a opinião daquele sinhédrio reunido no século passado perto da casa do tio João Perico. Estou a vê-los, a ouvi-los, os do sinhédrio, com este comentário unico:—«Sim senhor, isto sim, isto é outra coisa; ao mesmo passo que revela sciência a *potes*, é português de lei, com concordancia, regência e construção, partes essenciaes da arte de bem-dizer.

Mas há mais e melhor.

«Belo é o serpear do regato, o trinado do rouxinol melodiôso quando o astro-rei vae esconder-se na amplidão sem fim, o perfume subtil da modesta violeta que entufa as ruas do pomar, a canção dolente da pastorinha, que apascenta o rebanho, enchendo de encantos a vida rústica da imensa campina, o revolitar dos mundos, das sciencias, das artes, dos sentimentos, dos costumes, das raças e dos reinos.

Tudo isto é belo, eloquente, admiravel, sublime, cheio de arte e cheio de poesia!»

Que tal? Como se escrevia com alma, com sentimento, com espirito, com delicadêsa de linguagem e outros predicados *supra e infra jacentes*, há 40 anos.

Qual *ológrafos* nem qual *cabaca*? Isto é vinho doutra pipa!...

Está tudo mudado, tudo pervertido.

Há hoje—lá isso há—mais poetas, mais homens de letras e muitos mais de *trêtas*. Tudo e todos a perder de vista, comparados com os autôres do *Giro*. Que dicção, que belêsa de fôrma, que admiraveis conceitos!...

O *tempora é mores*—o melhor tempo é o das amôras—na tradução *macarrônica* do padre Chasco, de Goios.

Prossigámos:

«A Natureza, exhibindo-se, estadiando-se magestosa em tôdas as suas modalidades, ora bramindo enfurecida, revoltada, em obediência ás leis físico-químicas da mecânica celeste, ora serêna e calma, olimpica, marmórea, admiravel em tôdos os seus fenómenos, dá-nos a ideia nitida, perfeita, completa do Supremo Arquitecto nas suas multiplas belêsas, nos seus cambiantes e nas suas tintas, nos seus contôrnos e nos seus desenhos, nas veigas fertilisantes e nos seus vergeis encantadores, nas suas montanhas alcantiladas e na imensidade dos seus mares, nos seus rios cantados pelos poetas e nos seus lagos onde deslisam gôndulas que o menestrel tripula em noites de sônhô, deixando

após si os acordes harmoniosos do arrabil que vibra saudôso da sua bem—amada!

Espêlho clarissimo da divina Arte, nos cânticos de Pan ou nos imortaes hexâmetros de Homéro, na energia da expressão, na abundancia e riquêsa das imagens das Odes de Pindaro, o lirico imortal, ou nas produções de Byron, o poeta da duvida, da desesperança e da orgia, nos quadros de Rafael e de Murilo ou na arte colossal, gigantesca, estupenda de Miguel Angelo, em todas as manifestações da Arte e em todas as descobertas da Sciencia, é sempre a Naturêza a grande, a admiravel, a genial mestra. E' Dante na Divina Comédia, Milton no Paraiso Perdido, Skakspeare no rei Lear, Camões nas mais formosas estâncias do seu poema triumphal!»

Depois desta *tirada*, tudo quanto se diga, quanto se escreva, quanto se estenográfe por êsses centros de cultura barata, tudo quanto, enfim, o pensamento humano possa conceber em matéria *Epistola amorosa*, não vae além do grão de areia perdido nas imensas dunas da Costa Nôva de Aveiro.

E' o átomo e a constelação.

A gente pasma de tanto *savoir-faire!*

Isto não é uma carta, é um iman; atrae, faz maravilhas, transforma, subordina, revoluciona, persuade, leva no *encurro a mais pintada*.

E' Mussolini na Itália, Hitler na Alemanha, Getúlio no Brazil, Salazar em Portugal—quartêto afinadinho de homens notáveis que levaram o seu povo a beber, *embora fosse preciso associar-lhe!*

Com uma carta dêstas, irão tôdas á *bebida*.

Sim, porque, afinal, a *bebida* é tudo, o *assobio* quasi nada.

Vamos ao resto:

«E bela a Naturêza, admiravel nos seu fenómenos, cheia de poesia, cheia de encantos».

Mas... minha senhóra, mais bela, mais admiravel, a que mais se assemelha á fornalha que calcina o brouze das estátuas, aos raios mordentes do sol que dardejâ nos areas desertos, que tudo explica, a tudo obriga, vence obstáculos, esmaga preconceitos, abandona riquêsas, vive de si mesma, vae ao perto e vae ao longe, caminha, caminha sempre porque nunca mais pára, conheço eu uma palavra que por si só sintetisa tôda a grandêsa e toda a magestade da Naturêza—a palavra *AMOR!*

Amor!... a palavra por excellência, a que melhor traduz os sentimentos anímicos do nosso ser, a que melhor define o *crescei e multiplicai-vos* dos livros santos. O amor é a saudação

dos-anjos aos astros; só Deus pôde acabar o que o amor principia,—dizia o divino Hugo.

E eu amo-a, minha senhóra; amor firme, potente, affectuôso; o puro, o santo, o desinteressado amor que sempre se vota á mulher querida dos nossos sônhos de ventura!

E' assim que eu a amo, é dêste quilate o amor que lhe consagro!

Serei correspondido?

Eis o problema.

Porque duvida, perguntará V. Ex.?

Se os sentimentos de que se diz animado não são enlévo e susto em corações que se estreiam na comédia da vida, como dizia Camilo; se o senhór, como tôdos os autolátras, não está eivado de excessivo amor-proprio, porque duvida?

Mas eu não duvidei, minha senhóra; fiz apenas uma pergunta.

Se a psicologia de cada um se avalia, se afere sempre pelos sentimentos do coração, se eu me sinto atraído para V. Ex.<sup>a</sup>, se o meu coração deseja, manda e quer que através de tôdos os sacrificios, esquecendo tudo, abandonando tudo, eu a siga, a acompanhe por tôda a parte, seja na estrada luminosa do amor ou nos pedregulhos intransitaveis do infortúnio—que Amor é—parece, minha senhóra, que me cabe o direito de ser correspondido, embora V. Ex.<sup>a</sup>—por uma questão de antipatia que não discuto—me venha dizer que não.

A alma humana é assim mesmo; decompõe-se, volatilisa-se no grande cadinhô do Amor.

O nosso ser falante e o nosso ser pensante, estão em permanente actividade, porque a mulher amada é sempre, a tôda a hora e em tôdas as hipóteses, a vida da nossa vida, o ser do nosso ser, a luz do nosso olhar!

Serei correspondido, repito?

Como vou sofrer até ao dia feliz em que, por vós compreendido e correspondido, possa dizer como o imortal Hugo:

«Se o amor vos faz sofrer, amae mais ainda. Morte de amor é vida.»

Senhóra minha:—Com a mesma ânsia com que o estudante cábula espera a pauta com o resultado do seu exame, assim eu espero uma resposta vossa que venha pôr termo a esta batalha que um olhar suave e meigo provocou no meu ser.

Esperarei; enquanto há vida, há esperança!»

Termina aqui o *Giro das Esferas*.

Mocidade radiosa, esperançosos mancébos, ofereco-vos a

carta—adorada.

Toca a copiar, rapazes; como em 1893—há 40 anos!...ninguém paga direitos de autor. Foi sempre de tôdos, será sempre para tôdos.

O *pio* é livre como o pensamento; casa de paes, escola de filhos.

Assim ela surta os desejados efeitos.

Surtirá, não haja duvidas. Poucas Dulcinêas resistirão ao *Giro*; a boa fazenda tem sempre compradôres.

Mãos á obra e toca a andar.

1933.

M. V.

## Escritos

Não se publicam escritos, sejam ou não de responsabilidade, se não vierem assinados.

### MARINHAS, 25

O ano agricola está muito bem principiado. Os campos estão prometedores. Os nossos lavradores andam satisfeitos por a nasença do vinho ser abundantissima. O peor—dizem eles—é se bem o bebereão do neveiro que o chipsa.

—Na Igreja desta freguezia receberam o baptismo um filhinho do sr. Antonio Rodrigues Menina, do lugar de Goios, outro do sr. José Joaquim Fernandes Ribeiro, e outro do sr. Francisco Maciel (Mano) do lugar do Monte. Parabens.

—Regressou do Brasil o sr. Francisco Bajão, do lugar do Monte. Seja bem vindo. C.

## EDITAL

N.º 34

Manuel Martins de Sá Pereira, Vice Presidente servindo de Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espozende:

Faço saber que durante 30 dias, contados do próximo dia 24, se acha aberto o Cofre da Tesouraria desta Municipalidade para pagamento voluntário dos seguintes impostos: **Imposto de Prestação de Trabalho de 1932-1933**

Findo aquele prazo e durante as operações preliminares de relaxe (mais 60 dias) podem os contribuintes effectuar os referidos pagamentos acrescidos dos juros de móra.

Para conhecimento dos interessados se publica este e idénticos, que vão ser largamente afixados nos lugares públicos do costume.

Eu José Augusto de Almeida Abreu, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevo.

Paços do Concelho, 20 de Maio de 1933. O Vice Presidente da Comissão Administrativa **Manuel Martins de Sá Pereira**

### Inactividade

A contar de 19 de Abril ultimo, passou á inactividade a sr.ª D. Angela Viana de Lima Vasconcelos, digna professora das escolas «Rodrigues Sampaio», desta vila.

### Portos de pesca

Em continuação da politica dos portos iniciada e realizada pela Dittadura, o sr. engenheiro Duarte Pacheco vai occupar-se brevemente do problema dos portos de pesca do continente.

### Os que viajam

Com demora de alguns dias, partiu ontem para Coimbra o nosso velho amigo sr. José d'Abreu, digno Chefe da Secretaria da nossa Câmara.

### Festividades

Em Vila Chã, e com a costumada solenidade, realizou-se na passada quinta feira a festividade em honra de N. S. do Livramento, popularmente chamada a «festa das rosas».

Nos proximos dias 12 e 13 de Junho tambem se festeja com bastante brilho, naquela freguezia, o Taumaturgo português Santo Antonio.

### O «mildium»

Já fez a sua aparição em alguns vinhedos este mal.

Urge praticar-se o serviço de sulfatagem para que ele não alastre.

Assinaí O ESPOZENDENSE

**CLASSIFICADORES ALBA**

A' venda na Livraria Espozendense.

**A 1.500 cada**

**MAQUINA DE COSTURA**

Vende-se uma, marca Patente, em bom estado e a funcionar, por modico preço.

Quem a pretender pode informar-se do seu custo nesta redacção.

**CASA**

Na rua Direita, no melhor ponto da vila, alugam-se os baixos da casa junto á livraria ESPOZENDENSE, propria para escritorio, comercio ou moradia particular, com um espacoso salão, 3 quartos, cosinha etc, em estado de novo.

Para informes na tipografia deste jornal.

**Assinai O ESPOZENDENSE**

**CASA**

Aluga-se uma na Rua Direita, junto aos Paços do Concelho, com todas as comodidades, tendo tambem quintal.

Nesta redacção se dão todas as informações.

**Trabalhos tipograficos em todos os géneros—executam-se, na tipografia deste jornal, aos melhores preços e sem competencia**

**A «Internacional»**

**Carreira diaria entre S. Palo de Antas e Porto**  
DE

**Domingos Ferreira**

*Saida de manhã:*

De Sampaio ás 6 horas e meia

De Espozende ás 7 horas

*Saida do Porto:*

Cordoaria—ás 5 horas da tarde.

Preços: os estabelecidos.

Encarrega-se de todas as viagens tanto d'aqui para o Porto, como vice-versa, nas melhores condições.

1 9 3 3

**VILA-CHÃ**

Grandiosos festejos a realizarem-se nos dias 12 e 13 de Junho

**SANTO ANTONIO****P R O G R A M A :****DIA 12**

A's 6 horas, alvorada de 21 tiros, seguindo-se uma arruada com Zés Pereiras.

A's 14 horas, entrada da afamada banda dos Bombeiros V. de Barcelinhos, percorrendo em seguida os principais lugares desta freguezia.

A's 18 horas grande concerto musical.

A's 21 horas recomencará o concerto pela mesma banda na vasta Alameda que será ricamente ornada e iluminada pelo afamado iluminador Gregório Martins.

A's 23 horas primeira sessão de fogo em que serão queimados milhares de fogos de artificio.

A's 24 horas segunda sessão de fogo que fechará os arraiais noturnos.

**DIA 13**

A's 4 horas salva de 21 tiros.

A's 5 horas será celebrada uma missa rezada

A's 10 horas começará a missa solene, ao evangelho subirá ao púlpito o dignissimo padre Antonio Alves Nogueira, digno Prior de Fão.

A's 16 horas terá principio a festa da tarde e subirá ao púlpito o mesmo orador e em seguida sairá da igreja a magestosa procissão onde se encorporarão 4 andôres com as seguintes imagens, sendo: Santo Antonio, Santa Tezinha do Menino Jesus, S. Sebastião e S. João, e algumas dezenas de anjinhos e pobres do espirito, finda a procissão será dada a benção do Santissimo Sacramento

**A Vila-Chã devotos de Santo António**